

ESTUDOS ARCHEOLOGICOS

I



---

A CRUCIFIXÃO ENTRE OS ANTIGOS

RESPOSTA

AO

JORNAL DO COMMERCIO

POR

*Manoel Bernardes Branco*

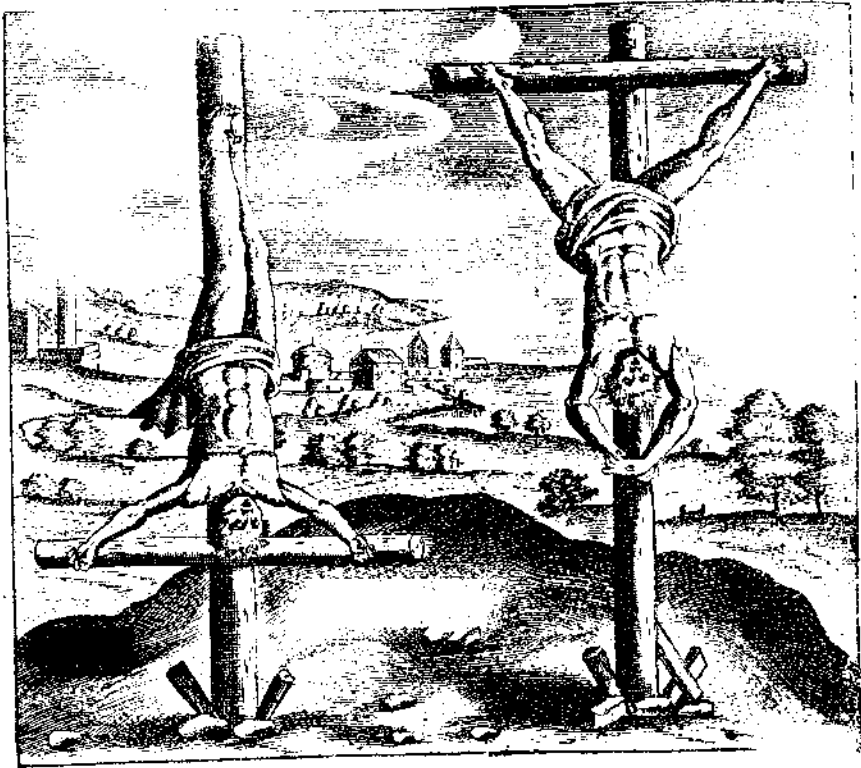


LISBOA

TYPOGRAPHIA CASTRO IRMÃO

31 Rua da Cruz de Pau 31

1878



## A CRUCIFIXÃO ENTRE OS ANTIGOS

---

«A crucifixão de cabeça para baixo era desconhecida dos Romanos, e só usada entre os Parthos.»

(Asserção estampada no *Jornal do Commercio*, em julho de 1878.)

### PROVA-SE NÃO SER EXACTA ESTA ASSERÇÃO

Todas as sciencias e artes têm no seculo actual feito progressos surprehendentes, e não é com certeza a Archeologia sciencia que se tenha deixado ficar ou estacionaria, ou atraz das outras. Multissimos trechos dos antigos escriptores são actualmente interpretados d'um modo mui differente d'aquelle, pelo qual eram antigamente entendidos. Os estudos etymologicos têm progredido d'um modo não imaginado sequer pelos nossos antepassados, crentes de que a palavra Lisboa se derivava de *Ullysses*, *Chellas*, *d'Achilles*, e *Setubal*, de *Sedes Tubalis*, etymologias accites tambem pelos estrangeiros. Os geroglyphicos do Egypto são decifraveis, e para sua interpretação existem mesmo grammaticas e dictionarios. As letras cunciformes são já percebidas, e talvez não venha longe a epocha em que os nossos visinhos hespanhoes (visto os portuguezes não quererem saber d'isto para nada) descubram o sentido d'esses *caracteres desconhecidos*, caracteres que em tão grande abundancia se encontram na peninsula Iberica.

Diariamente os jornaes nos dão noticia da apparição d'um cippo, ou d'uma antigualha qualquer, ás vezes bem importantes, e bem importante foi a descoberta da taboa d'Aljustrel, interpretada pelo sr. Estacio da Veiga, onde encontramos palavras em linguagem rustica, usadas em Portugal no tempo do dominio ro-

mano. E quem sabe se as gerações futuras ainda virão a possuir completas as obras de Tito Livio, e de Hesiodo? Pelo menos é licito ter esperanças. Esperanças que se podem basear nos palimpsestos do cardeal Maï, no Tractado da Republica de Cícero, na recente descoberta de parte das obras de Strabão, e nos codices publicados da riquissima bibliotheca do Escorial. Não são, porém, menos surprehendedentes as descobertas feitas na antiga Troya e em Mycenae.

As damas de nossos dias já podem admirar os atavios e enfeites d'aquellas troyannas, *Iliades pepulum ferentes*, de quem nos falla Virgilio: e nos dois volumes in folio de photographias, publicadas pela casa Maisonneuve, podem contemplar os vestuarios d'aquelles tempos, ás vezes incomparavelmente mais elegantes do que os actuaes, embora se tenham mettido de permeio perto de tres mil annos!

Já não ha duvidas para a maioria dos escriptores ácerca do local, em que estanciava a vetusta Ilion, e as riquezas d'esta cidade, por tantos seculos sotterrada, estão fazendo parte das mais importantes riquezas dos Museus da Europa.

Portugal, porém, para vergonha d'este paiz, tem-se conservado quasi indifferente a todo este movimento; e poderíamos dizer inteiramente indifferente, se não fossem as excavações da velha Citania, devidas ao sr. Sarmiento, e as de povoações romanas no Algarve, dirigidas pelo já mencionado sr. Estacio da Veiga.

Hübner na sua bella obra *Inscriptiones Hispaniæ* assevera que a Hespanha apenas possuiu dois bons epigraphistas, mas que Portugal nem um só teve! E no em tanto, embora o patriotismo fique despeitado, tal asserção é a pura verdade. O nosso antiquario Resende, outr'ora tão afamado, e que tão grandes encomios recebeu de abalisados escriptores estrangeiros, considerado até ha poucos annos como uma das nossas maiores glorias, está hoje desacreditado.

E, com effeito, não é mister ser mui atilado, nem possuir um profundo conhecimento da epigraphia, para se vêr que algumas das lapidas existentes em Evora, e das quaes Resende faz menção nas suas *Antiquitates Lusitaniæ*, são completamente fal-

sas! Mas como os tempos mudaram! Sertorio era tambem uma das glorias d'Evora, e no em tanto a critica de nossos dias nega até mesmo a residencia d'este antigo capitão romano em Evora!

Bem pôde esta cidade recorrer a outras glorias, que, as que baseava em Sertorio e Resende, estão irremediavelmente perdidas!

No em tanto, até certo ponto, Resende era desculpavel. Era moda no seu tempo, moda que ainda durou por largos annos depois, o forjar lapidas e documentos para comprovar a antiguidade d'uma povoação ou d'uma familia, que aspirava á gloria de descender dos primeiros homens. Forjavam-se até mesmo documentos para provarem o direito a quaesquer propriedades. Mesmo aquelles, de quem menos se devia esperar que recorressem a taes expedientes, se serviam d'elles. Não só os frades de Alcobaça forjaram documentos, mas até mesmo os de outras corporações religiosas. Diogo Kopcke, que a morte roubou prematuramente ás lettras, nos seus *Apontamentos Archeologicos* prova até á saciedade que os beneditinos de Tibães forjaram documentos, com o fim de usurparem terrenos que lhes não pertenciam. Não ha que depositar cega confiança nem no auctor da Benedictina Lusitana, nem em Frei Nicolau de Santa Maria, nem em varios outros. Todos queriam á porfia que sua ordem, seu convento, e suas regalias fossem as mais antigas. Pretensões taes ainda não acabaram de todo; mais hoje com certeza não poderia impunemente um Fr. Antonio da Purificação asseverar que os Gracianos em Portugal eram anteriores á fundação da nossa monarchia!

Não se dava, porém, isto somente em Portugal. Não faltam na Hespanha, na Italia e na França, exemplos de identicas falsificações. Não ha muitos annos ainda que os sabios d'uma corporação scientifica na França foram enganados com pergaminhos falsos, engano que custou muito a conhecer. Na Italia tornou-se no seculo passado mui afamado um frade forjador de codices e de moedas, feitos com tanta pericia que foram logrados os mais expertos, e no mesmo paiz ainda são necessarias todas as cautellas na compra de estatuas e de objectos antigos.

Em Portugal nunca houve o estudo scientifico da Archeologia, estudo penosissimo, que, além do profundo conhecimento dos

idiomas antigos, exige o da historia, da epigraphia, do direito romano, da geographia, dos usos e costumes, e tambem o da linguagem rustica usada pelos povos sujeitos ao dominio Romano, linguagem não conhecida em Roma, mas, ás vezes, sómente na povoação em que o monumento era erigido. Lingua que nos traz á lembrança o actual portuguez fallado em Ceilão e Malaca. E não contribuem menos para esta difficuldade as siglas ou abbreviaturas, que, fazendo com que uma palavra possa ter varias interpretações, demanda do antiquario profundissimos conhecimentos para acertar com a verdadeira. E para exemplo de taes difficuldades nenhum nome pôde vir mais a proposito do que o do proprio Hübner, que sendo incontestavelmente um epigraphista consummado, commette notaveis inexactidões por não conhecer bem a topographia do nosso paiz. Assevera corresponder á actual Coimbra a antiga *Aeminium*, quando é certo, e comprovado por documentos irrefutaveis, que tal povoação só podia estanciar nas immediações de Agueda. Mas, para não citar mais exemplos, está em duvida se Alcacer do Sal corresponde ou não á antiga Salacia.

Foi, pois, o estudo da Archeologia em Portugal um como que desenfado de occupações tidas por mais serias, quando eu creio que o d'esta sciencia é na realidade dos que demandam mais seriedade. Era um recreio, um passa tempo para pessoas, que não possuíam os indispensaveis preparatorios para, com proveito, se poderem engolpar em trabalhos taes. Não é por isso para admirar que se escreva n'um livro serio que em Chellas, nas abas de Lisboa, «existia um convento de virgens vestaes, do qual edificio ha restos n'esse convento ainda alli existente, e que seguio a regra de Santo Agostinho, em substituição da de S. Domingos que adoptara nos primeiros tempos.» Assevera-se até mesmo: «que ainda alli se encontra uma pedra com um orificio, pelo qual sahia o fumo dos sacrificios feitos em honra de Vesta!»

Não é menos para espantar o haver quem assevere que a actual Sé de Lisboa fôra um templo romano, como se templos taes tivessem a fôrma de cruz, pela qual se distinguem em geral os dos christãos.

Nos nossos compendios de historia, usados até mesmo nas

aulas publicas, ainda se falla do milagre da chuva attribuida á legião *fluminante*, quando é certo, e mesmo já velho, que tal legião tinha o nome de fulminante (de *fulmen*, raio) por causa d'um de metal que nos capacetes trazia como adorno.

Muito mais se poderia dizer, mas é tempo, e mais que tempo, de terminar o preambulo, e de passarmos a expôr alguma cousa ácêrca da crucifixão entre os antigos, e de provarmos que a crucifixão de cabeça para baixo não foi só usada entre os Parthos, como se asseverou no *Jornal do Commercio*. Este supplicio barbaro e infamante ainda foi usado por outros povos.

É certo que a tendencia para a brandura nos castigos é propria da nossa epocha. É tambem uma gloria para os nossos tempos (que alguns dizem ser tão perversos e corruptos, como se os antigos fossem melhores que os nossos) essa moderação nas penas hoje applicadas em Portugal aos delinquentes, onde já não é possivel a existencia da Inquisição com seus horrores, nem a maneira como á força de excruciantes torturas arrancavam a um réu a confissão d'um crime, não praticado, mas confessado para se fugir aos tormentos. Hoje aspira-se a melhorar e não a exterminar.

Mas atrocidades taes eram tambem praticadas nos outros paizes, e não só em Portugal. E tanto isto é verdade, que o sr. conde da Carnota (John Smith) com o que se praticava nos outros reinos procura defender o nosso marquez de Pombal da maneira barbara (realmente) como se houve para com os Tavoras e outros implicados na conjuração contra a vida de D. José. O sr. conde da Carnota ainda pretende mais; quer provar que o que no tempo do marquez se praticava nos outros paizes europeos ainda era mais atroz do que o que se fazia em Portugal.

E no em tanto já por estes tempos as penas não eram tão barbaras como as da idade média, e d'esses outros tempos ainda mais remotos.

Causa horror a descripção dos actos atrozes praticados para com os delinquentes, já não digo entre esses povos, aos quaes os antigos davam o nome de barbaros, mas mesmo entre os romanos, embora Tito Livio, prestando homenagem ao amor patrio,

mostre orgulho em dizer que «Podiam ter a gloria de que a povo nenhum agradou mais a moderação nas penas» <sup>1</sup>.

Os romanos, porém, em tudo soberbos e orgulhosos, verdadeiros flagellos da humanidade, graduavam tambem as penas pela condição do suppliciado. A crucifixão, ou morte na cruz era destinada para os padecentes da infima classe, para os escravos, ou para aquelles que como taes queriam que fossem julgados, como eram os barbaros ou estrangeiros.

A cruz variava de cinco modos diversos—*Simplex, Immissa, Commissa, Decussata e Bifida*. Este genero de castigo, vulgarissimo entre os romanos, e do qual nos falla Phedro, Luciano, Curcio, Cicero e muitos outros escriptores, não era sómente posto em pratica por este povo. Os judeus, persas, egypcios e gregos d'elle se serviam na punição de seus delinquentes <sup>2</sup>.

Assim como variava, porém, muito a fórma da cruz tambem variava a maneira de suspenderem n'ella os padecentes. Justo Lipsio, que foi o auctor que maior numero de citações colheu de antigos escriptores gregos e romanos, de todas as epochas, a respeito da crucifixão, apresenta-nos umas nove ou dez variedades na suspensão dos padecentes nas cruces <sup>3</sup>. E esta pena era de tal modo considerada como affrontosa que Cicero desejava que não sómente o nome de *cruz* estivesse longe dos corpos, mas até mesmo dos olhos e do pensamento dos cidadãos romanos <sup>4</sup>. E Seneca acha preferivel o suicídio a um tal tormento.

Havia, porém, ainda um requinte de crueldade na crucifixão — era o de cabeça para baixo, punição que o *Jornal do Comercio* n'um artigo a respeito do martyrio de S. Pedro, publicado em junho de 1878, asseverou ter sido tão sómente usado pelos Parthos.

Vejamos, porém, se ha ou não passagens positivas pelas

<sup>1</sup> «In aliis gloriari licet, nulli gentium mitiores placuisse pœnas.» *Hist. Rom.* lib. I. cap. xxviii.

<sup>2</sup> DANÆV, *Dictionarium Antiquitatum Romanarum*. Amstœlodami, 1701. (pag. 349). Lipsio accrescenta os Syrios, e Africanos.

<sup>3</sup> JUSTI LIPSI, *De Cruce*, libri tres. Antuerpiæ, 1606.

<sup>4</sup> «Nomen ipsum crucis absit non modo a corpore civium romanorum, sed etiam cogitatione, oculis, auribus.» *Pro Rubirio*.

quaes se possa evidenciar que não foram só estes ultimos povos que faziam uso d'um tal castigo.

Não estamos, porém, auctorisados a asseverar d'um modo peremptorio e decisivo, que fosse vulgar uma tal e tão aviltante punição. Diz-se tão sómente que os romanos a pozeram em pratica, durante o cerco de Jerusalem, e o que se diz ter sido praticado com S. Pedro, assevera-se tambem ter sido feito a pedido d'este apostolo, e, em todo o caso, como uma excepção á regra geral; mas uma carta do philosopho Seneca nos faz desconfiar de que os romanos ou usaram d'ella, ou d'ella se fez uso em territorio romano.

Marcia, illustre matrona romana, havia perdido seu filho. A dôr da mãe era excruciante, e nenhuma consolação admittia. O philosopho Seneca <sup>1</sup>, quer vêr se pôde mitigar até onde seja possível a tribulação de Marcia. Escreve aquella tão conhecida e tão celebre carta — *Ad Marciam de Consolatione*, na qual em 26 capitulos, e alguns bem longos, lança mão de tudo quanto lhe sugere a sua mente, apresentando tambem exemplos fornecidos pela historia para suavisar as maguas da mãe atribulada. Exalta e encarece a magnanimidade de Marcia. Diz-lhe que não sómente deve deixar de dar largas á sua dôr e afflicção, mas que até mesmo de nenhum modo se deve mortificar. Traz-lhe para exemplo a grandeza d'alma, e verdadeiramente varonil de muitas damas romanas: assevera que, em certas circumstancias, é a morte uma verdadeira dita, embora o fallecido haja pelas parcas sido arrebatado na flor da idade: lembra-lhe <sup>2</sup> que, se ella já não contempla a seu filho, tambem já o não vê — «exposto a morrer n'uma cruz, cuja fórma varia segundo o capricho dos tyrannos. Um manda **voltar para baixo** a cabeça dos **suppliciados** <sup>3</sup>; outro empala-os, um outro estira-lhe os braços sobre os braços da cruz...» <sup>4</sup>

<sup>1</sup> Seneca nasceu no terceiro anno da era Christã, e falleceu no sexagesimo sexto.

<sup>2</sup> Cap. v.

<sup>3</sup> Note-se que é um plural.

<sup>4</sup> As palavras de Seneca são as seguintes:— «Video istic cruces non unius quidem generis, sed aliter ab aliis fabricatas; capite quidam conversos in terram suspendere, alii por obscœna stipitem egerunt, alii brachia patibulo explicuerunt; video fidiculas, video verbera; et membris et singulis articulis sin-

Não padece duvida que pelo texto se não pôde conjecturar onde se praticavam essas suspensões de cabeça para baixo, onde se mandavam fazer essas cruces de varias fórmas, a capricho dos tyrannos; e nem mesmo todos os escriptos d'aquelle tempo chegaram até nossos dias: é porém indubitavel que, fosse qual fosse o lugar, o philosopho nos falla d'ellas como de cousa sabida, notoria, e não em regiões muito remotas, pois Marcia d'ellas tinha conhecimento. É tambem de reparar que Seneca diz — *cruces fabricatas — aliter ab aliis — capite conversos in terram &c.*, n'uma palavra, tudo pluraes. Não é, não pôde ser, um facto isolado, um singular; mas sim factos reiterados, repetidos. A rhetorica não lhe dava liberdade para asseverar a Marcia que devia julgar seu filho ditoso por estar ella já livre de o vêr morrer pregado n'uma cruz de cabeça para baixo, se por acaso uma só vez se tivesse applicado esta pena, como excepção de regra, a um criminoso, a um scelerado, digno de tão atroz e infamante pena.

Mas não insistamos mais n'esta passagem para provar que a crucifixão de cabeça para baixo não era só usada entre os Partos.

Vamos vêr se encontramos algum exemplo de facto identico succedido n'algum povo certo e conhecido, e não de um modo com seu tanto de vago como realmente se encontra em Seneca.

Succedeu em Jerusalem.

Fôra cercada esta cidade pelos romanos. A resistencia havia sido heroica; mais do que heroica, se assim nos é licito fallar. Por longo tempo os romanos não poderam penetrar na cidade sancta. Vespasiano teve de se retirar para Roma, pois assim o exigiam os negocios do Estado, e de encarregar da continuação do cerco, a esse imperador conhecido na historia pela autonomia de *Delicias do genero humano*, mas que, apesar de um epitheto tão glorioso, não degenerava á sua raça romana. Gostava tambem

*gula dolorum machinamenta: sed video et mortem.* — L. ANNEI SENECÆ, *Ad Lucilium Epistolæ Morales*. Argentorati, 1809, pag. 210.

Foi esta edição comparada com varias outras, e a unica variante que se encontrou foi a falta da palavra *quidam* n'algumas, o que de nenhum modo pôde mudar o sentido do original.

das torturas, do sangue, e das crucifixões. E basta a leitura das obras de Josepho para d'isto ficarmos convencidos.

Os Judeus não podendo já supportar a fome, faziam suas sortidas, mas os soldados romanos apanhavam-nos. Arrastados pelo odio e pelo furor pregavam-nos na cruz, crucificavam-nos. Mas de que maneira, visto haver varios generos de crucifixão? De varios modos *ἄλλο ἄλλο σχήματι* para os ludibriarem, metterem a ridiculo, e zombarem d'elles <sup>1</sup>, e eram estas crucifixões tão frequentes que «por causa da multidão faltava espaço para as cruzes, e cruces para os corpos.»

Justo Lipsio interpretando a palavra *σχήματι* que se encontra no texto grego de Flavio Josepho, diz: — «Schemate, ad ludibrium est illud, quod *inversum* dixeris, cum hominem in caput suspendunt, pedibus sublatis.»

E não se póde dizer nem que esta interpretação seja forçada, nem que Lipsio não seja auctoridade competente para lh'a dar. Conhecia a fundó a antiguidade, e suas variadas e numerosas obras o attestam. Sua obra de *cruce*, e a de Gretsén sobre este mesmo assumpto, são o que de mais substancial ha n'esta materia. Mas além d'esta tenho idéa de ter encontrado em Josepho, a cuja leitura me entreguei ha annos no original grego, uma ou duas passagens, nas quaes, de um modo mui positivo e peremptorio, se falla da crucifixão de cabeça para baixo entre os Judeus.

Bem longe de pensar que mais tarde me conviria citar estas duas passagens não tomei nota d'ellas.

No em tanto, o que já considero como ponto averiguado, é que a crucifixão de cabeça para baixo não foi só usada entre os Parthos, embora nos outros povos, e esta é a verdade, não se possa dizer vulgar; e o próprio Justo Lipsio assevera que era rara.

Eusebio bispo de Cesarea, falla-nos tambem do mesmo genero de crucifixão no Egypto; e apesar de não ser de grande peso a auctoridade de Eusebio para alguns, é certo que Char-

<sup>1</sup> «Πρασίλων δ' οἱ στρατιῶται δι' ἔργον καὶ μίσην τῶν ἀλόντων, ἄλλο ἄλλο σχήματι πρὸς γλαίων, καὶ διὰ τὸ πικρὸν χόρρα τε ἐνήλατε τοῖς σταυροῖς καὶ σταυροῖ τοῖς σώμασιν.» JOSEPHUS, De Bello Judaico, lib. v. c. xi.

pentier n'uma obra importantissima qual é a *Nouvelle Biographie Universelle* por Firmin Didot, diz:

«Eusèbe offre un grand intérêt; historien exact, apologiste habile, et ecrivain plein de pénétration, dans les respects même de Constantin pour les évêques et les déférences de ceux-ci pour l'empereur, il laisse entrevoir la gêne de deux puissances, qui se doivent un jour combattre. Eusèbe presente en outre à l'erudition ecclésiastique et littéraire une source abondante de renseignements précieux.»<sup>1</sup>

Justo Lipsio cita-nos ainda Metaphrastes e Amniano, os quaes tambem fallam no mesmo genero de supplicio: não examinei nos textos estas citações, mas, como todas as outras estão exactissimas, é de suppor que tambem estas o estejam; nem tão pouco de mais havemos mister para termos por provado até á evidencia que a crucifixão de cabeça para baixo não foi sómente usada entre os Parthos.

A opinião de Justo Lipsio é seguida sem discrepancia pelo celebre allemão Samuel Pitiscus no seu affamado *Lexicon Antiquitatum Romanarum*<sup>2</sup>, e d'estes dois celebres escriptores passou naturalmente esta doutrina para um grande numero de livros em varios idiomas, menos em portuguez.

Parece-me pois dever pôr ponto a este artigo, e fazel-o-hei, fazendo ao mesmo tempo votos para que as antiguidades deixem de andar á revelia e se estudem seriamente em Portugal, e este estudo só pôde ser baseado na sciencia. Nenhum estabelecimento litterario porém vejo em Portugal mais appropriado para o estabelecimento d'um curso de Archeologia, do que, o moderno Curso Superior de Lettras. Um tal curso archeologico, attendendo aos poucos recursos do paiz, na actualidade, bastaria, composto de duas cadeiras, uma de Archeologia Romana, e outra de Archeologia Portugueza.

Ao findar a leitura d'este opusculo é de suppor que o riso assume aos labios de algum leitor, e exclame ao mesmo tempo:

<sup>1</sup> Vol. xvi pag. 774.

<sup>2</sup> Venetiis. Ex Typographia Ballesoniana, vol. 1, pag. 599.

É o extremo do ridiculo o haver em Portugal quem no actual seculo ainda se occupe com taes assumptos!

Eu porém, francamente declaro, li a obra — *De la Cruz del Señor* — pelo Bispo de Antioch,<sup>1</sup> e aprendi muita cousa, que ignorava, mas da leitura de muitos dos romances, que na actualidade se publicam, ignoro qual a utilidade que se possa tirar.

Carnide 30 de agosto de 1878.

*Manoel Bernardes Branco.*

<sup>1</sup> Impressa em Gibraltar, 1871.